



Caco Barcellos
Jornalista

Sobre o enxergar o outro e ter na existência uma intensa e entranhada missão: ser repórter

As palavras são firmes e serenas a um só tempo. Os olhos quase fatigados são do claro mais profundo que na Terra há. As mãos desenhavam gestos resolutos mas leves, pacientes, prendem nossa atenção e nos guiam pelos muitos caminhos que Cláudio Barcelos de Barcelos, o Caco, já esquadrinhou aos longo de seus 58 anos.

Criança tímida em bairro pobre de Porto Alegre, corria da polícia sem nunca ter feito nada de errado para o mundo; apressava-se porque simplesmente sabia ser necessário fugir, e porque tinha a consciência de os perseguidores o odiarem não pelo que havia feito, mas pelo que ele não tinha tido direito a ter.

Viveu e presenciou, muito cedo, os abusos de uma polícia a executar não leis, mas vidas. E, como as crianças ainda têm a capacidade de não entender a ilógica da injustiça, ele se perguntou o que havia com o mundo. A resposta ele continua a buscar até hoje, em cada reportagem praticada.

Em meio ao sangue escoando pelas ruas, quis ser primavera.

Trabalhava, ainda menino, ajudando o tio a vender verduras. Depois foi ser taxista, entrou na Faculdade de Matemática porque queria ser engenheiro, até poder divisar um novo possível vir-a-ser: fazer-se jornalista. Dos jornaizinhos hippies distribuídos entre os amigos até as grandes redações da Rede Globo, Caco nunca prescindiu do propósito inicial: mantém muito abrasada a necessidade de questionar e de transformar o que existe de condenável na sociedade.

Acredita ser papel do Jornalismo contar histórias, e não apenas as bonitas, mas todas aquelas que precisam ser contadas. A escrita dele é composta da indignação de ver o que não deveria estar lá: cada palavra de seu texto nasce daquele não-entender trazido de criança. Para dizer uma história, é preciso sabê-la. Caco foi à busca para mostrar o que ninguém tinha coragem de ir lá ver, escrevendo o que para muitos é a própria história dos dias correntes.

A narrativa de Caco é a dos meninos que

desde tão novos são obrigados a servir a um mal que não lhes pertence, que não deveria pertencer a ninguém. O relato é o do traficante, tentando fazê-lo sentido à cidade bonita lá de baixo, explicar como aquele sujeito passou a viver uma escolha que não foi bem a dele. A história é a de quem padece dos efeitos de uma guerra cotidiana. A reportagem é a biografia da maior parte dos brasileiros, daquela que não teve voz, não teve defesa, não teve talvez a oportunidade a um nome. Tolhidos em seus direitos mais essenciais, foram condenados a uma vida sem precedentes, ao silêncio cego dos mais fortes.

É cômodo calar. Custoso é fazer um jornalismo que vá ao cerne, extraindo a verdade através da ética. É fácil, é muito simples achar que é assim mesmo, tudo é a ordem natural das coisas. Difícil é sair de sua concha e procurar ir ao encontro do outro. Ao invés de incriminar as crianças levadas ao mundo da transgressão, Caco mostra que elas têm olhos por detrás dos mosaicos e tarjas pretas, elas têm um nome que não são apenas um punhado de iniciais. Ele demonstra que a história dos pequenos e dos grandes submetidos à aspereza das circunstâncias está além do que as reportagens sensacionalistas estão dispostas a contar.

Em Nicarágua, acompanhou e viveu o movimento de liberdade dos que sofregamente ansiavam por democracia. No Rio de Janeiro, subiu o morro. A bala por alguém perdida sempre acha um destino certo. Cada vida ceifada é uma borboleta amarela que se dissipa. Vidas erradas, vidas errantes, puramente vidas; agora, não mais.

Caco vive o que o Jornalismo tem de mais visceral e definitivo: aprender com o cotidiano a desvendar universos humanos. Hoje, no programa *Profissão: Repórter*, instrui e acompanha jovens jornalistas no encargo de descobrir e entrever, na história de cada fonte, um pedaço de alma. Reportar honestamente a realidade: eis a função de um jornalista. E Caco carrega consigo a missão de quem acredita que nós nunca seremos livres até o dia em que Sol for para todos.

Equipe de Produção:
Ana Karolina Assunção
Diego Silveira Soares
Edwirges Nogueira

Entrevistadores:
Alinne Rodrigues
Ana Karolina Assunção
Diego Silveira
Edwirges Nogueira
Giselle Soares
Isabele Pequeno
Ivna Bessa
Lucíola Limaverde
Gustavo de Negreiros
Talita Christine
Thiago Mendes

Texto de abertura:
Lucíola Limaverde

Fotografia:
Alinne Rodrigues



Entrevista com Cláudio Barcelos de Barcelos, dia 20 de maio de 2008.

Diego — Bem, Caco, a minha primeira pergunta é a seguinte: no livro *Jornalismo Eletrônico ao Vivo* há um depoimento seu em que você diz que entrou no Jornalismo por acaso. Eu queria saber como se deu esse seu primeiro contato com a profissão.

Caco — Foi por acaso, porque eu acho que trabalhava... Era taxista. Fazia faculdade de Matemática pensando em fazer Engenharia (*tosse e pede desculpas*), mas já gostava muito de escrever. Escrevia crônicas, morria de vergonha delas, não mostrava pra ninguém. Escrevia crônicas acompanhado do meu cachorro, um cachorro vira-lata que eu tinha. A gente rodava à noite pela cidade, e o meu cachorro não gostava de caminhar durante o dia. Ele dormia o dia inteiro e à noite ficava muito ligado. E eu sou assim também, eu tendo a ficar mais ligado à noite. Então saíamos a passear. A passear, eu escrevia sobre essas andanças na cidade. E aí na faculdade de Matemática, um dia, inventaram de fazer um jornal do centro acadêmico e eu achei maravilhosa a idéia. Me candidatei, não tinha nenhum candidato, era o único. Aí resolvi fazer sozinho o jornal, porque ninguém mais se manifestou. Espalhei a notícia pela faculdade e um grupo de hippies, de outra universidade, que nem era a PUC (*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*), onde eu estudava, era da Federal (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*), se interessou e a gente começou a fazer o jornal juntos. Só que em vez de fazer o jornal para o Centro Acadêmico, a gente acabou fazendo um jornal da comunidade hippie deles e eu passei a morar com eles, nessa comunidade. A gente vendia de mão em mão o jornal.

Um dia, um jornalista da cidade comprou, gostou muito. O jornal dele tava passando por uma reforma e ele convidou todo mundo que fazia parte do nosso jornal, se quisesse trabalhar lá com um salário. Aí fomos, eu fui, eu fiquei e mais um outro amigo ficou. O começo foi assim, por isso não foi previsto.

Isabele — Você começou sua carreira em um momento bastante complicado, que foi a época da ditadura militar. Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas nesse período?

Caco — Bom, era a de ver a sua matéria publicada. Havia várias restrições por parte

da censura, temas proibidos, histórias proibidas (*Gustavo, que havia se ausentado para comprar uma água para o entrevistado, chega nesse momento. Caco, no entanto, diz que não vai poder beber, porque a água está gelada*). Vocês devem estar me achando um chato, né? (*A turma nega*). É que eu estou muito mal, por isso eu disse que não conseguiria falar... Eu já dei umas quatro, cinco negativas pra outros convites, pra televisão daqui também, eu realmente estou muito mal da garganta. Estou falando baixinho pra ver se ela estabiliza e vai embora. Mas tinha isso, a restrição por temática. Na área de Economia, por exemplo, quase nada podia se falar. Política também não, mas tinha um segmento do Jornalismo bastante marginalizado, que era o segmento que divulgava notícias relacionadas com crimes de violência.

Antigamente chamava isso de Editoria de Polícia. E esse jornal (*Folha da Manhã, extinto periódico do Rio Grande do Sul, onde Caco começou a carreira no ano de 1972*), era muito interessante, a equipe formada era muito legal, muito aberta, muito ativa e resolveram criar... Usar esse segmento chamado Editoria de Polícia pra contar todas as histórias graves que aconteciam na cidade (*de Porto Alegre*). E na Editoria de Polícia não havia censura porque ali, por um preconceito de classe que perdura até hoje, só eram divulgadas as notícias que envolviam gente pobre cometendo crimes. Então nós começamos a usar a Editoria pra contar todas as histórias envolvendo injustiça e violência. No nosso ponto de vista, as violências mais graves que eram cometidas eram aquelas que levavam à morte das pessoas, como é hoje, como é em qualquer parte. E o que levava à morte era praticado pela ditadura. Então nós começamos a denunciar ali os crimes da ditadura, crime de tortura e crime de morte, que eram mais graves, no nosso ponto de vista, do que o crime contra o patrimônio. E o jornal era, antigamente, coberto de notícias relacionadas ao crime contra o patrimônio, crime praticado por assaltante, por ladrão, pessoas de baixa renda, principalmente, que faziam do crime a sua atividade financeira. A nossa prioridade era o crime contra a vida e não o crime contra o patrimônio. E isso durou nesse jornal, essa experiência, durante três anos, até o dia em que já os homens da ditadura haviam percebido essa nossa estra-

A idéia inicial era entrevistar a jogadora de vôlei Shelda, o que não foi possível devido à agenda lotada dela. Ela havia acabado de retornar da Austrália e já ia à China participar de mais uma etapa do circuito mundial.

A opção que vinha em seguida, de acordo com a votação realizada para a escolha dos entrevistados, era o jornalista Caco Barcelos. A equipe de produção, então, deu início aos primeiros contatos por telefone, porém sem obter sucesso.

Partimos, então, para um segundo método: enviar e-mail. Edwirges enviou a mensagem no dia 9 de abril. A resposta veio no dia 15.

tégia e começaram a pedir a nossa cabeça e acabamos saindo... Saímos 22 jornalistas desse jornal.

Gustavo — Caco... (*Antes da pergunta, Caco pede água natural para um funcionário do hotel*). Um dos seus trabalhos mais marcantes foi o da cobertura do conflito na Nicarágua (*O conflito ficou conhecido como Revolução Sandinista e ocorreu em 1979, na Nicarágua, pequeno país da América Central. A Frente Sandinista de Libertação Nacional, movimento de caráter popular, derrubou a família Somoza, instalada no poder, com o apoio dos Estados Unidos, desde a década de 30*). A gente queria saber como foi essa experiência e se quando você estava lá você já pensava em escrever um livro sobre o que houve. (Nicarágua: a revolução das crianças foi o primeiro livro escrito por Caco).

Caco — Também foi por acaso. Na minha vida, as coisas acontecem bastante por acaso (*risos*). Já havia encerrado a experiência ali na *Folha da Manhã*, trabalhei nela de 72 a 75 e em 75, saídos desse jornal, nós criamos uma cooperativa de jornalistas (*Coojournal, fundada em agosto de 1974*), eu e esse grupo de 22... Era um veículo de imprensa alternativa bastante forte naquela época. Todo mundo que, de alguma maneira, se sentia lesado pela ditadura e era jornalista tratava de escrever nos veículos chamados alternativos. E eu passei de 75 a 80 trabalhando nesses veículos e a gente trabalhava praticamente para comprar o prato do meio-dia e era tudo o que ganhávamos. Viajávamos com o dinheiro muito baixo, muito pequeno, sempre de ônibus, fazendo as refeições mais baratas possíveis, morando em hospedagem de favor e na de outros companheiros de outras cidades, de outros países, que também militavam na imprensa alternativa. Trabalhávamos dessa maneira, atrás de histórias. Quando encontrava uma história, parava e ficava escrevendo a história e publicava em algum lugar dos nossos veículos de imprensa alternativa, como esse veículo da Cooperativa que nós fundamos.

Nós criamos também na época – nós que eu digo eu e uns amigos comuns, repórteres mais ou menos contemporâneos –, uma revista chamada *Versus* (*Fundada em 1975 pelo repórter Marcos Faerman [1944-1999], a revista Versus é um marco na história da imprensa alternativa brasileira. Em sua curta história [75 a 79], procurou expressar os diversos sentimentos que envolviam o período da ditadura militar*), que foi uma revista de reportagem dos povos latinos. E viajando atrás das reportagens dessa revista pelos países da América do Sul, América Central, eu acabei me envolvendo lá na guerrilha da

Nicarágua. Era uma guerrilha extremamente popular que envolvia todos os segmentos da sociedade que eram contra a ditadura.

Eu morava nessa época já nos Estados Unidos, numa base lá, e de lá eu fui pra Nicarágua e acompanhei a ofensiva final da guerrilha, que levou à vitória da guerrilha, pra minha sorte. Digo sorte porque eu fiquei acompanhando a guerra sempre... Se pode acompanhar a guerra dos dois lados, ou de um lado só, e eu escolhi o lado da guerrilha pra acompanhar. Também por acaso, porque eu fui preso por eles quando estava entrando numa cidadezinha dominada por eles. E eles me prenderam pensando que eu fosse um espião americano, porque eu levava gravadores que naquela época eram novidade, gravadores mais ou menos desse tamanho (*aponta para o MP3 de Isabele*) e eles achavam que era equipamento de espionagem. Era uma novidade incrível, não havia. E eu, que morava em Nova Iorque, comprei lá e trazia na cintura, usava umas botas americanas também. Enfim, achavam que eu fosse americano e americano apoiava a ditadura. Ao longo de 42 anos, apoiou muito, ensinou lá também o Exército a torturar e a matar, como fizeram no Brasil. Pensaram que eu fosse um espião e me prenderam. No primeiro dia, eu dizia que era brasileiro. No meu gravador só tinha música que eu levava pra ouvir. Nem entrevista tinha. E aí eles me libertaram de madrugada, fiquei preso lá numa vala que eles usavam nos combates, com lodo no fundo, barricada em cima... Me liberaram e eu pedi pra ficar quando o comandante deles chegou. Esse comando era de meninos de 12, 13 anos de idade. Por isso o meu livro, que eu fiz por consequência dessa experiência com a guerrilha, se chamou *A Revolução das Crianças* (Editora Merca-

“Me prenderam pensando que eu fosse um espião americano, porque eu levava gravadores que naquela época eram novidade (...) e eles achavam que era equipamento de espionagem”.

Nesse dia, enquanto parte da turma comia tapioca nas proximidades das Casas de Cultura, Edwirges recebeu uma ligação da mãe: “O Caco Barcellos ligou aqui para casa!”.

Todos que estavam lá ficaram agitados. A turma fez uma “vaquinha” e comprou um cartão telefônico para retornar a ligação. Caco, porém, não estava mais na Rede Globo. O cartão foi apelidado de “cartão corporativo”.

do Aberto, Porto Alegre, 1982, 152 páginas) porque eram crianças os guerrilheiros que me prenderam e que depois me libertaram e eu pedi pra ficar ao lado deles. Eles toparam e eu acompanhei a guerra até o final ao lado deles. Pra minha sorte, eles venceram a guerra e eu pude contar a história.

Thiago — Além de atuar na *Folha da Manhã*, em Porto Alegre, você também atuou na *Veja* e na *Istoé*. Como foi a sua mudança pra televisão?

Caco — Bem depois. De 81 a 84 na *Istoé* e na *Veja*... Trabalhei também nesse intervalo, que eu falei de cinco anos na imprensa alternativa, fazia *freelancer* pra tudo que é revista e jornal... Pra viver, pra ter dinheiro, pagar aluguel, comida...

Thiago — E como foi esse impacto da mudança do meio, do impresso para a TV?

Caco — Foi grande, sobretudo porque... Bom, eu já havia escrito um livro, trabalhava pra revista, na imprensa alternativa escrevíamos reportagens com até 40, 50 páginas, refletia muito antes de escrever cada frase, pensava na melhor palavra, selecionava a palavra. Televisão você às vezes tem 15 minutos não só pra escrever aquela frase quanto a matéria inteira... Entrevistando, sintetizando... Então foi muito difícil exercitar esse poder de síntese e, sobretudo, quando tinha uma entrada ao vivo, por exemplo, que você tem que usar técnicas de rádio, de preencher os espaços vazios... Você não pode deixar entre uma frase e outra algum silêncio porque vai causar estranheza. Você tem que não parar de falar e eu vinha de um processo de muita reflexão, eu sou uma pessoa reflexiva, então eu estranhei bastante em usar qualquer tipo de palavra que às vezes nem sempre era a mais adequada, a que sintetizava o que eu queria dizer, ou que representava melhor uma determinada história. Então, me incomodava, eu tinha muita vergonha de usar palavras inadequadas, frases mal elaboradas e com pouca exatidão. Mas depois, com o tempo, a gente vai se acostumando e percebe que na TV o texto também tem muita importância. Tem que explorar bem... Esse casamento entre texto e imagem é uma coisa complexa. Precisa ser coloquial, objetivo, simples, mas a simplicidade é complicada pra caramba (*risos*). Atingir a simplicidade é algo muito difícil, eu acho.

Giselle — Caco, no seu livro *Rota 66* você fala da violência policial quando você vivia em Porto Alegre. De que forma a sua infância influencia o seu trabalho atual?

Caco — (*Pausa*) Bom, eu acho que todos os momentos da nossa vida nos acompanham, né, pra sempre. A minha infância, seguramente, me acompanhou, mas não só

pelas injustiças que são decorrentes do fato de você ser pobre, de uma família simples, de um bairro todo assim também. A minha infância foi muito rica. Tive experiências muito interessantes de liberdade conseqüente ou de transgressão produtiva, não sei que termo usar, mas eu tive uma experiência muito legal numa igreja progressista. Padres muito conscientes que me apresentaram os primeiros livros de interpretação da realidade, padres que se preocupavam em ajudar os pobres do bairro onde a gente morava, que me ensinaram a entender por que a gente sofria violência policial. Me explicavam coisas como: "Olha, quando uma viatura entra aqui na rua, sem pedir direito, invadir a sua casa, dar porrada pra todo lado sem mandado judicial, isso não significa nada específico contra sua família, contra sua pessoa... É contra um conjunto, não só ali do bairro, mas é uma coisa maior, contra todos os pobres do País". Então, não teve diferença nenhuma da nossa realidade para a realidade da maioria, porque infelizmente no Brasil a maioria é muito pobre. A polícia no Brasil, historicamente... Uma herança talvez portuguesa... Chegou aqui pra defender os poderosos e não pra defender a comunidade, defender a sociedade. Ela defende sim, a princípio, todo mundo, porém com muita prioridade os mais poderosos e isso acontece até hoje. Então, esse tipo de interpretação, a igreja é que me trouxe. Essa igreja específica lá, que era uma igreja aliada dos pobres, uma igreja progressista, que depois virou também perseguida pela igreja do Vaticano. Mas enquanto durou, ela foi muito atuante lá no meu bairro e contribuiu muito para a formação intelectual dos moradores do bairro. Nos ensinou que a gente era muito fraco, se vistos isoladamente. Nós poderíamos ser muito fortes se vistos em conjunto. Então, o delegado, que era todo poderoso, chegava e torturava qualquer moleque ali que se encontrava em volta da delegacia dele... A comunidade inteira ameaçava invadir se (*o delegado*) não respeitasse a lei e continuasse com o arbítrio... O cara treme como nunca tremeu na vida.

Giselle — Pode-se dizer que veio dessa



O contato, mais uma vez, deu-se por e-mail. Caco aceitou conceder a entrevista, mas não podia confirmar uma data para vir a Fortaleza, devido às viagens que estava fazendo a trabalho.

Ele nos pediu para permanecer em contato, até surgir uma data. Semanas depois, disse que viria à cidade para uma palestra, no dia 20 de maio.

A produção ligou várias vezes para Caco, a fim de saber se a entrevista poderia mesmo ser realizada no dia da palestra. Faltando apenas um dia para a chegada do jornalista, ainda não tínhamos uma resposta.

a realidade que a câmera grande. Quando a câmera grande chega, todo mundo toma conhecimento dela... Você altera facilmente mesmo que você não queira. As pessoas mudam o comportamento quando vêem a televisão chegar. Num estádio de futebol, se o time tá perdendo de 5 a 0, você liga a câmera do seu lado, talvez você passe a vibrar como se tivesse vencendo, como se a goleada fosse a seu favor. Num velório, todo mundo triste, aborrecido, você liga a câmera, sempre alguém dá um tchauzinho pra mãe e tal. Se não tiver cuidado, ela altera, altera, altera todo tempo. Com uma câmera discreta, ela não altera. As pessoas não percebem. Então acho que ela é mais ética do que... Quer dizer, ética ou não ética depende do profissional, claro. Tanto câmera grande, quanto pequena, quanto fotógrafo, microfone, gravador, qualquer coisa... Pode ser ético ou não ético, depende do uso que a gente faça dos equipamentos.

Alinne — (risos) Eu acho que a pergunta que eu ia fazer você acabou de responder...

Caco — O quê?

Alinne — Era justamente quanto à ética profissional. Se você já foi questionado alguma vez, se sofre muitos processos...

Caco — Pelo uso de que, de equipamentos?

Diego — Pela adoção de disfarces...

Caco — Não, disfarce não causa dano a ninguém...

Alinne — Não, é mais pela câmera mesmo.

Caco — Qual, a câmera grande?

Alinne — A pequena.

Caco — Eu nunca sofri nada, eu uso muito pouco a escondida. Eu prefiro chegar: "Sou jornalista, estou aqui e tal...". Não gosto quando eu sei que essa chegada altera completamente as coisas. Mas se eu já apurei bastante, cheguei lá escondido e ninguém me viu, eu sei que as coisas acontecem daquele jeito... Aí chego no dia seguinte com a câmera, até porque eu vou mostrar pro telespectador, acho que isso vira conteúdo.... "Vocês viram ontem quando eu não disse que era jornalista como estavam as coisas? E como estão hoje? Olha a diferença". Vocês viram uma matéria sobre corte de cana? (*Matéria exibida nos dias 14 e 21 de maio de 2006, no quadro Profissão: Repórter, que mostrou as condições de trabalho dos cortadores de cana*). Treze pessoas morreram por exaustão no corte de cana sob o sol intenso. A gente fez um teste que é infalível. A gente telefonou: "Vamos aí, mostrar sua usina, como é que é o trabalho com os bóias-frias que cortam cana, pessoal imigrante que veio do Maranhão pra São Paulo, cortar cana...". E foi incrível! Na área do corte havia ambulância, médicos, todo um equipamento de primei-

ra linha para os trabalhadores, assim como uniforme, sombra, água fresca, sombra para a refeição, intervalos regulares de descanso e tal. E a outra equipe foi cortar cana sem dizer que era um repórter ali e, como sempre, a gente, pelo menos comigo, eu não acho correto você falsificar identidade. Todos se apresentaram com seus nomes verdadeiros e suas carteiras profissionais verdadeiras. Nem precisou isso, eles começaram a trabalhar antes do registro. E com eles, como não eram repórteres que estavam chegando lá, foram tratados como são, de fato, tratados os trabalhadores. Equipamentos sem nenhum item de segurança, tudo enferrujado, de baixo do sol como todo mundo, todo dia sem ambulância, sem médico... O que nos ajudou a entender por que treze morreram sob exaustão. A indústria ficou revoltada e tal, porque não achou ético a gente fazer isso. Eu acho que não seria ético você mentir para o seu telespectador, dizendo que todo mundo recebe condições ideais de trabalho se não recebem. Então, nesse caso, a microcâmera não foi ética? Depende do ponto de vista. Eu acho que foi muito ética, não causou dano a ninguém. Os trabalhadores eu acho que foram beneficiados. Houve pressão depois do Ministério Público nessa usina e nas outras onde estavam acontecendo as mortes. Não aconteceram mais mortes, por coincidência ou não. No ano seguinte não teve mais... Depende do ponto de vista, sempre.

Talita — Caco, um dos seus trabalhos investigativos mais conhecidos acabou se transformando em livro, que foi o *Rota 66*. Como é que surgiu a idéia de escrever esse livro?

Caco — Olha, quando eu decidi, a Polícia Militar de São Paulo já era a organização brasileira que havia matado o maior núme-

"Tanto câmera grande, quanto pequena, quanto fotógrafo, microfone, gravador, qualquer coisa... Pode ser ético ou não ético, depende do uso que a gente faça dos equipamentos".

Aceitamos, então, os 30 minutos. O próximo passo foi saber o horário de seu voo. Caco disse (ou a Karol entendeu) que a saída de São Paulo seria às 14h. Sendo assim, ele deveria chegar por volta das 17h.

Depois disso, a produção voltou a se reunir e preparou uma nova pauta, adequada ao tempo de duração da entrevista.

Baseando-se naquele horário, a turma foi, no dia seguinte, esperar o entrevistado no aeroporto. Foi quase todo mundo no carro da Alinne. O carro mais parecia uma Topic. Não faltou quem fizesse piada da situação: "Próxima desce!".

A turma chegou ao aeroporto por volta das 15h. A equipe de produção foi logo providenciar o local da entrevista. A assessora de imprensa da Infraero em Fortaleza, Moice Ribeiro, disse que a entrevista poderia ser na própria sala da assessoria.

ro de brasileiros em toda a nossa história, mesmo se você comparar com as guerras convencionais, como a Guerra do Paraguai (*mais longa e devastadora guerra da história da América do Sul. Ocorreu de 1864 a 1870. Argentina, Uruguai e Brasil juntaram forças para derrotar o Paraguai*), que foi a que teve maior número de vítimas... Superou até essa guerra. Então, já pela quantidade de pessoas que havia matado, é um assunto de extrema relevância. Hoje não é mais a que mais mata no mundo, mas continua sendo uma das organizações brasileiras que mais matam no mundo. Hoje já são os alunos da Rota (*Rondas Ostensivas Tobias Aguiar. Força tática da Polícia Militar de São Paulo*) que são os que mais matam. É o pessoal do Bope (*Batalhão de Operações Especiais*) lá do Rio de Janeiro... É a polícia mais violenta do mundo. Eu devo falar isso bastante hoje, lá na minha palestra (*Caco faz referência à palestra que iria proferir mais tarde, na Faculdade de Direito da UFC, sobre violência*). Se você pegar o relatório da Anistia Internacional deste ano, elenca lá a violência nos países que praticam a execução, que as PMs do Brasil praticam, dentro da Lei. São os países que adotaram a pena de morte. O Brasil é signatário de vários tratados que impedem a pena de morte aqui no Brasil, porém pratica mais do que os países que fazem dentro da lei: Estados Unidos, China, Irã, Paquistão, Afeganistão. Os países que têm a pena de morte, no ano de 2007, mataram menos do que, sozinho (*bate na mesa*) o Bope no Estado (*do Rio de Janeiro*) todo. Sozinho! E mataram mais... São 1.350 mortos da PM do Rio de Janeiro no ano passado. Mil quatrocentos e cinquenta. E são mil cento e alguma coisa – eu tenho o número –, as mortes praticadas pelos países que adotaram a pena de morte. Pra você ter uma idéia da gravidade disso, que a sociedade brasileira pratica, já que a Polícia Militar é um braço do Estado, ela funciona com o dinheiro dos nossos impostos, não é? Somos nós que estamos matando dessa maneira, por meio das metralhadoras da PM. Os Estados Unidos,

que praticam a pena de morte há dezenas de anos, em toda a sua história, não mataram o suficiente pra bater um ano de ação do Bope e de sua turma no Rio de Janeiro. Foram 1.010 pessoas executadas no Rio de Janeiro até hoje. Apenas um ano, veja aí, 1.450. A Rota, só num ano, 1.500, quando eu lancei o livro, no ano de 92. Então eu acho que o número fala mais do que qualquer coisa, né? Ora, se a gente tem a polícia mais violenta do mundo, temos que contar a história dessa polícia e dessa sociedade – mais do que dessa polícia.

Karol — Caco...

Caco —... Que horas são?

Isabele — Faltam cinco minutos (*para o encerramento da meia hora combinada*).

Caco — Caramba, como passa rápido (*risos*).

Karol — Caco, no seu outro livro, *Abusado*, você relata a história do Juliano VP, que foi um traficante do Rio de Janeiro. Pra produzir o livro, você teve, inclusive, que conviver e conhecer pessoas da comunidade. Você já foi pressionado pela polícia para divulgar essas informações ou já foi acusado de encobrir os criminosos?

Caco — Não, olha, acusado formalmente, não. Eu recebo algumas críticas, de alguns jornalistas, de alguns intelectuais, principalmente, do Rio de Janeiro, que apóiam essas ações da PM do Rio de Janeiro. E hoje são muitos jornalistas que apóiam. Antigamente se omitiam, hoje, alguns, não são maioria, mas alguns apóiam as execuções praticadas pela PM. E esses que criticam o fato de eu ter subido as favelas, convivido com a comunidade durante cinco anos, fazendo as entrevistas noite e dia quando tinha oportunidade... Acham que isso é uma relação promíscua. O que é curioso, porque quando os criminosos de alta renda cometem fraudes, desviam dinheiro público – e são muitos no Brasil, políticos, advogados, industriais e tal –, e se envolvem em crimes que causam dano, muitas vezes, maior do que o produzido por alguns crimes que vêm da favela, nin-

Até este momento, as coisas pareciam correr bem. Foi quando Edwirges encontrou Eliomar de Lima, jornalista do *O Povo*: “O Caco Barcellos? Ele já chegou e já foi embora”, disse, para desespero da turma.

A turma ficou desolada. Minutos depois, vários telefonemas e contatos começaram a ser feitos. Thiago chegou, inclusive, a ir conversar com taxistas para ver se algum deles tinha levado Caco Barcellos.



guém me pergunta: “Ué, você tá encobrindo esses empresários pelo fato de estar entrevistando os empresários? Como é que você se relaciona com... digamos... Vamos ver um nome... PC Farias (Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello, acusado de desviar verbas públicas na administração de Collor, causando, assim, o processo de Impeachment do então presidente). Como é que você entrevista Paulo Maluf (ex-prefeito de São Paulo acusado, em 2005, de crimes contra o sistema financeiro, lavagem de dinheiro, corrupção passiva e formação de quadrilha. Atualmente é Deputado Federal pelo Partido Progressista de São Paulo)?” Nunca ninguém me perguntou isso. É incorreto entrevistar o eletricitista... Juliano ou Paulo, ou Marcos da Silva “vírgula” traficante? E não é promíscuo entrevistar o engenheiro Paulo Maluf “vírgula” ladrão público? Qual a diferença?

Eu acho que a minha postura tem que ser igual com todo mundo. Discordo radicalmente de quem acha que só deva dar voz aos bacanas. Eu acho que todo mundo tem direito a voz, sobretudo quando você acusa. No caso do Juliano, eu estava acusando, no livro inteiro. Trata-se de uma obra ali que fala do tráfico, do comércio ilegal de drogas. Ora, isso não é uma coisa legal. Se eu tô falando disso, contando a história de traficantes (*bate na mesa*), eu tenho que contar a história (*bate na mesa*) deles, completa. O lado deles é importante. Porque assim é quando a gente conta os crimes praticados pelos bacanas. A gente ouve o advogado deles, uma, duas, três vezes, (*conta batendo na mesa*), não é? Ouve a família, a circunstância que o levou a se envolver com determinada fraude, não é? Então, acho que é uma crítica infundada. Acho que tem preconceito de classe, nisso. As pessoas acham que quem mora no morro não merece receber visita da Imprensa. Não merece receber visita da Justiça, da Promotoria Pública. Não existe um prédio da Justiça nos morros do Rio de Janeiro, e lá moram mais de três milhões de pessoas. Só existe, lá, escola, nos morros, porque foi construída por um governador que era aliado dos pobres, que era Leonel Brizola (*ex-governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, foi o fundador do Partido Democrático Trabalhista. Morreu em 2004*). A prática dele era coerente com o discurso. Ele realmente era um cara que se preocupava com as minorias sociais. Então tem realmente escolas de primeiríssima linha nos morros. Poucas, porque quando ele criou uma de primeiríssima linha, que foi quando ele saiu, foi perdendo a qualidade... Tinham escolas lá melhores do que escola de bacana, que paga uma fortuna

para estudar nas particulares.

Ivna — Caco, você já fez três livros-reportagem. Na hora de produzir essas reportagens “barra” livros, você se considera mais repórter ou mais escritor?

Caco — Não sei te responder. Acho que as duas coisas, até porque eu gosto muito dos escritores. Todos os meus ídolos foram, um dia, repórteres ou continuam repórteres de livros.

Ivna — E quem seriam?

Caco — Ah, são vários. Citar, assim, rapidamente... Gay Talese (*editor e ensaísta americano. Publicou, entre outros livros, Fama e Anonimato e A mulher do próximo*), Truman Capote (*autor de A Sangue Frio, livro considerado como marco inicial do New Journalism*), Frederick Forsyth (*escritor britânico de O dia do Chacal, Cães de Guerra, entre outros*), Stephen Grey (*jornalista holandês, autor de Avião Fantasma*), Jack London (*escritor americano, autor de A Praga Escarlata, Caninos Brancos e O Lobo do Mar*), John Reed (*jornalista americano, autor de Dez Dias Que Abalaram o Mundo*)... Ah, tem tantos... Bom, brasileiros: Fernando Morais (*autor de Olga, Chatô, o rei do Brasil, A Ilha, entre outros*)... Tem uns latinos legais também, Eduardo Galeano (*escritor uruguaio, autor de obras como De pernas pro ar, Dias e noites de amor e de guerra, Futebol ao sol e à sombra, O livro dos abraços e Memória do fogo*)...

Edwirges — Caco, na apresentação aqui do seu livro, o *Rota 66*, o Narciso Kalili (*Re-*

“É incorreto entrevistar o eletricitista Juliano ou Paulo (...) “vírgula” traficante? E não é promíscuo entrevistar o engenheiro Paulo Maluf “vírgula” ladrão público? (...) Eu acho que a minha postura tem que ser igual com todo mundo”.

Karol e Diego conseguiram, finalmente, falar com a assessora da Souza Cruz, empresa que estava promovendo a palestra em Fortaleza. Ela deu o número do celular de Simone Veltrin, que estava acompanhando Caco na viagem.

Simone se dispôs a nos colocar em contato com o entrevistado. Pouco tempo depois, Caco retornou a ligação para o celular de Ronaldo, falou com Edwirges e acertou a entrevista. Com o endereço do hotel em mãos, a turma se dirigiu para lá.

Chegamos ao hotel (eram quase 17h). Edwirges ficou com o restante da turma para recepcionar o entrevistado. Karol e Diego foram providenciar o local da entrevista. Uma sala de reuniões estava disponível.

Ao dizer que estávamos ali para entrevistar Caco Barcellos, uma das atendentes disse: "Ah, Caco Barcellos, aquele ator?". Karol e Diego logo corrigiram a confusão: "Não, ele é jornalista...".

Caco encontrou a turma no saguão do hotel. Cumprimentou todos e foi encaminhado à sala onde se daria a entrevista.



pórter da revista Realidade, na década de 60. Faleceu em 1992) fala que você é um repórter que escolheu um lado: que é o lado das vítimas, é o lado dos mais fracos. O que te move a trabalhar em função desse lado?

Caco — Objetividade, principalmente. Se eu morasse na Suíça, eu seria um repórter de classe média, da classe média (*retifica*). No Brasil, a maioria da população... Depende também do critério do que você considera pobre ou não. Há quem considere pobre aqueles que recebem menos de R\$ 500 por mês. Eu acho que pobre é aquele que recebe menos de R\$ 1 mil. Mas o IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão responsável por coletar dados e informações sobre o Brasil e a população brasileira*) considera duzentos e poucos, trezentos e poucos (*reais*). Então, seguramente, são mais de 100 milhões de pessoas pobres no Brasil. Ó, tem que ter repórter dessa gente, né, e não dos cinco por cento. Então, se eu sou dos 100 milhões, tem que tá nos morros, vai ter que tá na periferia... Por mais que diga que isso é promíscuo, que estou lá fazendo apologia ao crime. Tô falando porque eu sou repórter, por dever de ofício, também (*enfático*). Não é? Se fosse a Suíça, eu estaria lá, gastando, digamos, dez mil por mês.

Diego — Caco, você acha que realmente o Jornalismo tem esse caráter transformador que lhe atribuem? Você tem essa opinião?

Caco — Eu tenho, mas não sei se é verdadeira. Eu acredito nisso, eu trabalho pensando nisso. Eu acho que você tem um papel social a cumprir. Acho que a gente tem que ir atrás de assuntos de alto interesse público, sempre. (*pausa*). E... Se muda ou não muda as coisas, não sei, não dá pra avaliar porque o valor é tão subjetivo no nosso trabalho, não é? Às vezes, você até encontra, sim, uma mudança objetiva, quase que imediata. É muito raro, mas às vezes acontece, quando você denuncia alguma coisa, a polícia prende um "cabra" folgado. Mas isso será que muda alguma coisa pro capitalismo brasileiro? Acho que as mudanças são mais... Graduais, mais subliminares, mais a longo prazo.

Thiago — É preciso indignar-se para fazer essas denúncias?

Caco — Considerando que a gente vive num país muito injusto, eu acho que sim. Se não fosse um país injusto, não. Mas a gente é muito injusto, né? (*enfático*) É muito desigual. Não precisava ser tanto assim. Não só porque é um regime capitalista, não estou fazendo crítica ao capitalismo, só... Por que escolher o mais selvagem deles, né? Podia ser um capitalismo das nações como Itália, França, Reino Unido... Mas tinha que ser o mais perverso, o mais brutal, o mais...? Isso tem que causar indignação. As diferenças são muito grandes, são muito brutais no Brasil.

Então eu acho que essa diferença gera conflito, desarmonia. Porque tem que pensar, já que é um país capitalista, nas coisas da... Das possibilidades de oportunidade, das chances de oportunidade. E quando as coisas são tão desiguais, as oportunidades serão desiguais. Por mais que pareça democracia, não é democracia. Então, vamos pensar a chance que têm, de se dar bem na vida, o filho de um industrial e o filho de um operário. Se observar desde o momento em que nasce, eu duvido que o filho de um operário, pelo fato de ter nascido numa família de operário, vai ser um mau elemento por natureza, como muita gente pensa. "Quem mora nos morros é bandido, a princípio". Não. (*enfático*) é uma trajetória que fez com que ele vá para um lado ou pra outro. Eu acho que a chance daquele que é filho de um industrial, sempre vai ser maior... Desde o momento em que ele precisa de uma chupeta (*bate na mesa*), a chupeta do filho (*bate na mesa*) do industrial vai ser de melhor qualidade do que a do filho de operário. A proteína de primeira linha... A qualidade da proteína dele vai ser diferente. A qualidade no ensino, nos primeiros momentos, a qualidade da companhia, do amor, da família (*enumera batendo na mesa*).

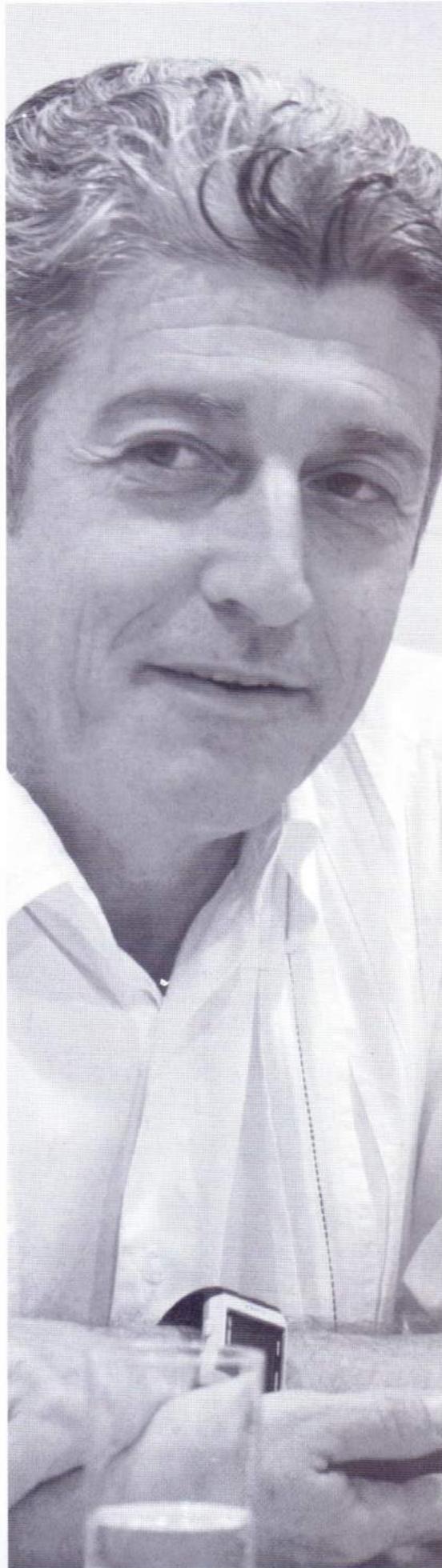
Coisa que eu mais ouvi nos morros que já andei, foi isto: a falta de amor da mãe. Não que a mãe seja uma desalmada, uma mãe perversa. É que ela trabalha pros bacanas, de segunda-feira a sábado, à noite. Direto. Ela é mãe de dois: do filho do bacana... O filho do bacana tem duas mães. A mãe dele, legítima, e a empregada doméstica, que é a mãe do traficante do morro, que nunca tem essa mãe (*bate na mesa*), e só tem a mãe domingo. Isso é igualdade de oportunidade? De igualdade até... De oportunidade de afeto, não é? Ele tem a mãe no domingo, e a mãe exausta, passou, na escravidão da classe média alta, lá, a semana inteira. Geralmente por um salário indigno, tão indigno que costuma ser três vezes inferior ao trabalho – que não é trabalho, que é um ato ilegal – do filho. Então ele consegue acesso ao tráfico, ele vai ganhar três vezes mais do que a mãe. Com

Karol e Diego esperavam em frente à porta. Diego segurava a última edição da Revista Entrevista e, após os cumprimentos iniciais, entregou o exemplar ao jornalista.

A entrevista demorou ainda um pouco para começar. Caco estava com dor de garganta e pediu que desligassem o ar-condicionado.

que autoridade a mãe vai chegar pro filho e vai dizer: "Pare de fazer esse serviço, que eu te trago todas as coisas pra você não precisar fazer isso", como dizem os bacanas em casa, né? "Se eu te dou tudo, por que você vai para o crime?". No caso dela, é ao contrário: "Te tiram tudo, que é a minha presença física, de segunda a sábado, só te tenho, só sou sua, no domingo e exausta". Tem que tá lavando roupa acumulada, essas coisas...

Então, o que essa mãe pode oferecer pro moleque? Deixa o moleque abandonado, sendo criado pelo irmão mais velho, ou pelo vizinho, pelo traficante mais próximo, não sei. Os traficantes são amigos, são filhos de outras empregadas domésticas também, elas não vêem como a gente vê esse universo. É muito complicado, não é? Um sistema tão desigual, porque eu te dei um exemplo só de favela, mas se pensarmos no mercado de trabalho também... Essa diferença vai bater. E por isso não estranho que a gente cometa tantos crimes, porque a desarmonia é muito grande, a indignação de muita gente é muito forte. E logo, pra encerrar, porque eu tenho que correr pra lá (*para a palestra*), não é também por acaso que as pessoas de bem, no Brasil, as pessoas comuns, não os criminosos que matam pra roubar, são mais violentas do que os marginais, não é? Nós (*enfático*) praticamos muito mais crimes do que os marginais praticam. A estatística mostra isso. Porque eu acho que a gente devia, inclusive, não precisar dessa forte desarmonia (*tosse*). Continuamos depois? Vocês me atacam lá, no final? (risos)



Gustavo foi providenciar uma água para o entrevistado. Quando retornou, Caco disse que não poderia beber, porque a água estava gelada. Uma outra água (agora natural) foi providenciada.

Caco Barcellos também perguntou se alguém tinha algum comprimido para dor de cabeça. Thiago ofereceu Neosaldina e Luciola Paracetamol. Ele aceitou este último – para a alegria de nossa colega.

A entrevista finalmente começou e se deu de forma tranquila. Os 30 minutos previstos acabaram rendendo mais. Foram no total 41 minutos de conversa.

Caco Barcellos sugeriu que continuássemos a conversa após a palestra, mas o professor Ronaldo, preocupado com a garganta do entrevistado, achou melhor encerrar a entrevista.

Na saída do hotel, Gustavo soltou a pérola do dia: "Puxa, comprei a água mais cara da minha vida (R\$ 3,75) e ele nem bebeu...". A turma resolveu ir ao Dragão do Mar comer e, depois, assistir à palestra de Caco na Faculdade de Direito da UFC.